

GEORGES BALANDIER E SUA OBRA  
*SENS ET PUISSANCE*

Darcy da Silva  
*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e  
Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo*

*"Uma escolha não é jamais  
simples nem inteiramente livre."  
Balandier, G. "L'Express"*

O conhecimento da obra de um autor se torna mais completo, quando conhecemos e compreendemos também suas experiências de vida. Por essa razão, nesta crônica, procuraremos tecer considerações não só sobre a obra *Sens et puissance*<sup>1</sup>, mas também sobre seu autor<sup>2</sup>.

Georges Balandier tem singularidades para ocupar, hoje, posição de destaque entre os estudiosos das sociedades africanas, sendo o primeiro titular de Sociologia Africana da Universidade de Paris.

O autor nasceu nos confins de Franche-Comté e da Lorraine; toda sua infância foi amoldada pelo horizonte dos Vosges, por uma idéia de pátria, própria das pessoas de fronteira. Isso explica suas reações de refúgio, após 1940, entre os "maquis", pois considerava determinante para sua vida uma ação dirigida contra todas as formas de opressão política e cultural. Começou sua carreira africanista após uma breve e forte carreira li-

BALANDIER, Georges. *Sens et puissance*. Paris, P. U. F., 1971.

2 L'EXPRESS. L'Afrique c'est reparti: l'Express va plus loin avec Georges Balandier - entrevista 27-11 a 3-12-1972, nº 1116.

terária. Georges Balandier, retornando a Paris, em 1945, tinha projetos de escrever livros. Um deles concretizou-se: um romance que era uma espécie de balanço de um jovem em cólera; considera-se o autor, nesta época, bem próximo a Camus, Leiris e Bataille . . . Estes encontros marcaram fortemente suas escolhas pessoais e suas reflexões; por outro lado, encontrava-se embaraçado entre os escombros, iludido pelo sentimento de reconstrução ausente, pelo reencontro de Paris. Tal situação o distancia do ocidente e também da literatura, gerando o sentimento de que não compreendia a sociedade na qual vivia se questionando, ao mesmo tempo, se compreendia o que eram as outras.

Para Balandier, seu interesse por África foi uma espécie de contingência. Para um francês era fácil ir para a África; em segundo lugar, teve um encontro com Théodore Monod, fundador da pesquisa científica na África de expressão francesa; por fim, as reminiscências literárias de Claudel, que falava de África como um "carreau de feu sur le ventre de monde", acabaram por motivá-lo. Como ele próprio diz, "uma escolha não é jamais simples nem inteiramente livre"<sup>3</sup>. Assim, Balandier se vê trabalhando na África durante o período de 1946 a 1951, retornando, posteriormente, em missão por períodos breves. Contudo, todos os anos tem um encontro marcado com o Continente Misterioso que o cativou e o qual ele compreende.

Em África, rapidamente, sentiu-se comprometido; ligou-se a algumas iniciativas políticas e culturais dos anos de pós-guerra. Uniu-se a Léopold Sédar Senghor e ao grupo que, ao redor deste, preparava o renascimento do Senegal; àqueles que na Guiné fundaram o partido político, do qual Sékou Touré tomou-se chefe. Ao mesmo tempo, mantinha ligações com aqueles que, na Europa, queriam ajudá-los, como: Sartre, Gide e Mounier.

Nessa época, a idéia de uma presença africana era ainda nova. Vivia-se sob a dominação da presença européia, da missão civilizadora do Ocidente. Assim, a opção de Balandier era considerada perigosa por alguns confrades de profissão. Segundo ele, traía um pouco a profissão, pois negligenciava seu trabalho, no sentido que a Etnologia não se concebia então a não ser fora da História. A maior parte dos etnólogos tinha escolhido essa profissão para estudar sociedades primitivas, preservadas de toda contaminação exterior, espécies de laboratórios aos quais se podia dedicar, durante dez ou vinte anos, ao estudo de um sistema social suposto fora do tempo. Contudo, o sociólogo que considera as sociedades e as civilizações, após as ter submetido a uma espécie de congelamento histórico, cede à facilidade. Is-

3 Ibidem.

so o apaixonou; não interpretar aquilo que já existiu, mas compreender o que está em vias de se fazer.

Essas circunstâncias fizeram com que Balandier durante vinte anos se dedicasse ao estudo das sociedades africanas, num longo e consciente projeto de busca não só das mudanças mais aparentes, mas das transformações mascaradas pelas permanências formais; para tanto, foi obrigado a escolher, a um grau mais elevado, a perspectiva global e as dinâmicas das sociedades. *Sens et puissance* é a síntese desse esforço dos resultados de sua experiência em África.

☆☆☆

*Sens et puissance*, sendo a síntese do esforço científico e o resultado de sua experiência em África, contém textos que já haviam sido publicados, bem como textos inéditos. Contudo, o agrupamento dos textos revela continuidade no encaminhamento e desenvolvimento das pesquisas efetuadas pelo autor, pois a par as pesquisas diretas, também foram realizados estudos teóricos paralelos. No prefácio, o autor sublinha que a obra "não é um conjunto de artigos artificialmente reunidos, mas o instrumento que permite definir e ilustrar uma concepção 'nova' dos sistemas sociais e do empreendimento sociológico".

Através do exposto e pelo conteúdo da obra, sem nenhuma sombra de dúvida, podemos dizer que não se trata de mais uma obra do autor, mas de um importante marco de sua contribuição, pois é o resultado do projeto conduzido com grande obstinação durante vinte anos. Por outro modo, é a reflexão sobre si mesmo, sobre tudo aquilo que produziu, a fim de propor um passo a frente no horizonte do conhecimento científico.

O ponto de partida de Balandier é uma prática científica aplicada às sociedades exteriores à sociedade ocidental, às sociedades africanas, submetidas às pressões exteriores e às forças de mudanças as mais operantes. Esse fato, e um certo comprometimento, conduziu-o à elaboração de um método, que pouco respeita a fronteira entre a Etnologia e a Sociologia. De outro modo, é um método crítico às teorias que se tomaram geradoras de rotina. O não respeito pelos limites disciplinares não é senão a manifestação a mais aparente de uma retomada mais essencial; ele mostra, de alguma forma, o surgimento, na pesquisa, de uma escolha global, apesar dos fracionamentos que a análise provoca.

Assim, o estudo das sociedades africanas no momento em que elas se encontravam de recusa à subordinação, levaram o autor a transformar a

crítica expressa pelos acontecimentos em críticas às posições científicas. As crises a que foram submetidas as sociedades africanas, tornaram-se reveladoras de algumas relações e configurações sociais e de sua respectiva interdependência. Elas conduziram o autor a considerar a sociedade em sua ação e suas reações e não mais sob a forma de estruturas e sistemas intemporais. Incitaram-no também à pesquisa sobre as condições da existência social, as quais são as mais reveladoras das relações que as constituem; a conceber uma análise das situações e acontecimentos que adquirem estatuto científico.

A postura fundamental de Balandier é a de que todo empreendimento científico realizado no domínio das Ciências Sociais traz a marca daquele que o conduz, independentemente dos modos que se empregue para assegurar a objetividade e das máscaras as quais por vezes se recorre. Assim, segundo ele, a prática de se colocar claramente as condições e meios de realização da pesquisa deve ser generalizada, tanto na pesquisa direta como na teórica. Pois, uma espécie de apontamento diário do pesquisador permitirá a este a possibilidade de melhor definir o encaminhamento da pesquisa e de definir-se a si próprio.

Partindo dessa ótica, o autor deixa clara a sua posição quanto à organização e conteúdo da obra. Diz que os textos reunidos procedem de dois movimentos. O primeiro foi resultante de uma atividade científica que, de início, foi regida pelas convenções de uma Etnologia Clássica, mas que encontrou sua própria crítica numa atualidade destruidora de modelos pré-fabricados. Desde seu início, essa atividade foi forçada a uma contestação teórica e incitada a construir uma imagem modificada das sociedades tradicionais. Essa nova representação aproxima as sociedades ditas tradicionais das sociedades modernas (ocidentais), revelando, nelas também, problemáticas e submissões aos efeitos da história; neste sentido, mostra-as aparentadas. Esta representação contribuiu para explicitar suas verdadeiras diferenças sobre uma ordem de realidade não sobre uma ordem ideológica implícita. O segundo movimento, foi o da confrontação, o qual, de início, foi prático, tornando-se teórico pelo menos em tendência. Ele conduziu ao reconhecimento de parentesco entre sociedades, que é aquele postulado pela Filosofia Social antiga, o da unidade do homem.

Deste modo, a confrontação fez escolher a representação da sociedade na sua maneira de existência, nas condições e contradições que esta encontra para se definir, se manter e reagir aos assaltos que lhe impõem o exterior e o curso do tempo. Este último aspecto encontra-se equivocado, segundo Balandier, pois num espaço organizado e controlado que lhe dá os contornos, coloca a sociedade em relação com outras sociedades globais e que, no futuro, resulta em determinações e iniciativas múltiplas. É

por suas provas que todas as sociedades manifestam sua condição comum e, por suas respostas, que elas criam e revelam suas diferenças. Todos os erros passados vêm do pressuposto que existiram sociedades felizes, harmoniosas e pouco ameaçadas em seus equilíbrios.

O autor constata que a antropologia, mais que a sociologia, foi afetada pelos rousseauismos diversos, colocados pelo gosto da época. Contudo, o problema se coloca menos em termos de identidade perdida do que em convergência a vir e, segundo Balandier, sob formas que nós estamos mal preparados para conceber. Assim, o autor diz que é preciso ultrapassar o estado de simples reflexão, apoiado sobre a experiência científica particular, e propor conclusões de caráter geral que resultem das análises até então feitas. É esse comportamento que adota em sua obra *Sens et puissance*.

O conteúdo da obra está ordenado em três partes, focalizando os temas: dinâmica interna e externa, dependência e transições. Na conclusão, o autor retoma as idéias expostas nas partes anteriores e aborda as sociedades pluridimensionais.

A preocupação teórica fundamental é de definir a natureza das sociedades através da dinâmica social, procurando seu sentido e poder. Pois, segundo o autor, seus estudos de Antropologia Política demonstraram que "as sociedades não são jamais aquilo que elas parecem ser ou aquilo que pretendem ser"<sup>4</sup>. Elas se exprimem em dois níveis pelo menos: um superficial, que apresenta as estruturas "oficiais"; e, o outro, profundo, o qual assegura o acesso às relações reais, as mais fundamentais e às práticas reveladoras da dinâmica do sistema social.

Assim, para Balandier, somente a partir do instante em que as Ciências Sociais apreendem estes dois níveis de organização e de expressão é que elas determinam suas relações, é que se tornam necessariamente críticas. É corrigindo as ilusões da ótica social comum que as Ciências Sociais progredem em direção ao rigor científico.

Em sua análise sobre as sociedades, o autor aborda em primeiro lugar o aspecto da diferença e relações de exterioridade. Diz que a descoberta de que existem sociedades diferentes é, evidentemente, antiga. Mostra como o evolucionismo e o estruturalismo abordaram o problema, mas esses dois encaminhamentos deixaram escapar em grande proporção o que é a diferença pela mesma, assim como a sua relação com a realidade social. Discorrendo sobre a diferença, diz que a afirmação do direito de diferença se reforça e se generaliza no momento atual; pesquisa de diversas origens

4 BALANDIER, G. Op. cit. p. 7

tem encontrado, neste aspecto, o ponto de convergência de suas investigações.

De outro modo, as sociedades diferentes são também sociedades desiguais; e não somente elas permanecem desiguais, como também a diferença de poder se alarga entre elas. As sociedades predominantes "utilizam" a diferença para explicar, em termos de racionalidade e de eficácia, sua dominação e as dependências que resultam desta situação. Mas, elas provocam sua negação em se apresentando como modelo universal, como "exemplo" que deve ser reproduzido sem fim, pois se pretendem estar continuamente "em avanço". Em contrapartida, as sociedades em vias de desenvolvimento rejeitam esse encaminhamento, condenado a pura e simples repetição, isto é, o atraso e a posição de subordinação a que estão sujeitas. Esse fato conduz essas sociedades a fazerem da diferença um elemento irredutível, um instrumento de sua oposição às condições exteriores.

O ponto principal de exame que estas constatações sugerem, segundo Balandier, é em que grau a relação de exterioridade e as diferenças que ela torna manifesta, mais a dinâmica externa que ela produz, intervém na definição atual das sociedades. Pois, as diferenças multiplicam as possibilidades de desenvolvimento diferencial multiplicando as alternativas; elas possibilitam às sociedades a escolha, ao nível das relações entre as nações, de formas que podem tomar a luta pelo poder (portadoras de dominação uniformizante) e de sentido (portador de valor e de diferença).

O segundo aspecto teórico abordado é o da continuidade e "dimensões" da sociedade. Para Balandier, no momento atual, as sociedades se defrontam com duas ordens de questões. A primeira é prática; o novo dado é o fato de que todas as formações sociais engendram em conjunto uma contestação aberta, em larga escala, durável e não somente explosiva como nos momentos em que irrompem as rebeliões e revoluções. A segunda ordem, refere-se às sociedades industriais avançadas, cuja ambição contribui para aumentar e exportar a desigualdade, enquanto todas elas se referem a uma ideologia igualitária. Por essa situação, provocam contradições que são fontes de críticas: rejeição e violência. Nesse aspecto, atrás da rejeição da sociedade "repressiva", a questão que aparece é a da desconfiança em relação às instituições e às organizações burocráticas e o debate aberto entre o "instituído" e o "instituinte". Assim, a rejeição impõe outro modo de ver a realidade social; essa contradição afeta não somente o encaminhamento científico, mas também os diversos modos de expressão da sociedade.

Através dessa perspectiva, para Balandier, a sociedade aparece antes de tudo heterogênea, plural e movente. Sua definição deve ser formulada sobre o modo problemático, pois a natureza social comporta mais de aproximativo do que as interpretações deterministas ou "formalistas" (ou forma-

lizantes) deixam entender. Nesse sentido, o autor ilustra sua idéia com alguns exemplos, como: a coexistência numa mesma sociedade global de configurações de origem e de épocas diferentes; a ação diferencial do tempo sobre os "níveis de materialização" (ou instâncias) da realidade social e os efeitos de recorrência, manifestando o retorno ao passado; a incidência das práticas, dos cálculos e das escolhas dos atores sociais; e por fim, as conseqüências internas das relações de exterioridade, da dinâmica "externa".

Para o autor, nada é jamais adquirido; a reprodução das relações sociais e a continuidade não são asseguradas mecanicamente. Para elucidar tal fato, insiste na "entropia" que opera em todo sistema social; entende-a como uma espécie de "usura" que, mesmo que as condições permançam iguais — o que não é o caso como demonstram os desajustamentos entre níveis da realidade, entre elementos constitutivos da sociedade — faz com que o sistema acabe por funcionar com rendimento de decréscimo. Este efeito negativo se acentua à medida em que a relação de adesão dos atores sociais se enfraqueça. Assim, todo afrouxamento da vontade coletiva é uma nova vitória da entropia.

Esse problema conduz a um outro, que segundo Balandier, permanece ainda integral: é como achar os meios de consentimento e de participação efetiva para o maior número dos atores sociais numa sociedade. Por outro modo, enquanto sistema aproximativo, a sociedade é duplamente solicitada. De um lado, pela procura da mais completa realização do que deveria ser seu desenvolvimento; de outro, pela simples luta contra a entropia, a qual compromete sua continuidade. Em conseqüência, a sociedade esforça-se continuamente para estabilizar a balança entre aquilo que pode contribuir para seu progresso, sem modificar sua identidade, e aquilo que assegura somente sua permanência. Por essa razão, ela deve, constantemente, lembrar sua definição e fazer para não se desfazer.

Contudo, observa Balandier que convém lembrar que não é somente a ação do tempo criadora de diferenciação, de não correspondências entre as diversas estruturas, de movimentos provocando e manifestando as dinâmicas diferenciais, mas também, os outros sistemas de opressões (contraintes). Um deles é o "interno", que são as práticas dos atores sociais (individuais ou coletivos) que "interpretam" e solicitam, utilizam e manipulam, tentam orientar o sistema de relações sociais dos quais eles participam, segundo seus interesses e seus valores. O outro, é o sistema de opressão (contrainte) "externo", que é a interferência do contorno internacional, o qual engendra pressões (e as dominações) e contaminações que favorecem o aparecimento de novas alternativas.

Assim, para Balandier, os diversos efeitos conjugados fazem com

que a sociedade seja colocada em questão de maneira quase permanente. Ela tem em si muitas "versões" decorrentes dela mesma. Ela é constituída de configurações mais ou menos compatíveis, mais ou menos opostas; ela se abre para muitos possíveis. Como toda sociedade é plural, segundo o autor, e por isso, constantemente em vias de se fazer e de se definir, sua definição científica só pode ser generativa. Logo, a sociedade em seu todo aparece como um projeto e não somente como dado<sup>5</sup>.

O terceiro aspecto teórico abordado é o da mudança e sentido do futuro social. Para Balandier, determinar a sociedade por sua contínua formação e pelas práticas das quais ela é o lugar, é dar-lhe, por sua natureza, as suas características e as suas propriedades dinâmicas.

Como método de trabalho o autor sugere, primeiro, a análise da diferenciação através de três ordens de dados dinâmicos. A primeira, a dos dinamismos inerentes aos sistemas sociais, às suas condições de composição, funcionamento e reprodução. A segunda, a dos dinamismos pelos quais o sistema tende à mais completa realização. A terceira, a dos dinamismos que chegam a fazer surgir novas configurações e desencadear mudança de regime estrutural.

Contudo, o autor adverte que convém observar de modo paralelo, as pressões (contraintes) que o tempo impõe aos sistemas sociais. Essas pressões (contraintes) apresentam-se em três níveis. O primeiro, é em relação ao passado imediato e a pressão (contrainte) do sistema social; o segundo, em relação ao presente e a pressão (contrainte) da práxis; e o terceiro, a pressão (contrainte) de tendências, de forças de desenvolvimento e de transformação, das formas que procuram atualizar-se.

Mesmo supondo que uma configuração possa manter-se estática, as modificações que afetam seu contorno bastam para se tornarem criadoras de mudança para a configuração social em questão; trata-se de uma nova posição e não de um ataque direto a seu conteúdo ou a sua forma.

Essa situação conduz a um problema teórico de grande importância: como apreender e interpretar as rupturas, as passagens numa sociedade? Este problema tem sido alvo das preocupações dos economistas neomarxistas, os quais constataram que a realização de uma sociedade se distancia do projeto estabelecido ou não se efetua na direção prevista pela teoria.

Vemos então, que a sociedade se faz e se transforma, mas no interior de contradições definíveis. Assim, toda interrogação sobre a continuidade e mudança conduz, necessariamente, a interrogação sobre as mudanças sociais e a forma particular que elas tomam, realizando-se pelas revoluções. Contudo, o autor sublinha que a revolução age apenas durante um

tempo, caindo a seguir no "instituído", na ordem cuidadosa de sua própria conservação. Assim, é através de um modo mais constante que os atores sociais devem escolher as oportunidades que eles mesmos criam quando agem. Em síntese, é a noção de "revolução permanente" ou de "revolução na revolução", apagando a velha interpretação desse termo.

Deste modo, o problema decisivo acerca da mudança e do sentido do futuro social é o da participação contínua da maior parte dos atores sociais às definições da sociedade; controle mútuo do poder e criação coletiva do sentido da sociedade.

É através desta perspectiva teórica que Georges Balandier propõe o estudo da sociedade, qual seja, a busca do sentido e poder das mesmas através de seus dinamismos.

☆☆☆

Para uma crônica, pouco dissemos, de início, sobre o autor, principalmente de sua produção sociológica e antropológica, bem como de suas idéias mais recentes a propósito das sociedades e da Sociologia.

Georges Balandier e Alfred Sauvy, em 1956, criaram a expressão "Tiers Monde", contudo, o sentido que a ela atribuíram era diverso do de hoje. Naquela época, não era um mundo entre o do Capitalismo desenvolvido e do Socialismo em desenvolvimento. Era uma referência à célebre fórmula de Sieyès: o que é o Terceiro Estado? A resposta era: nada. Que quer ele ser? A resposta: tudo. Na década de 1950, o Terceiro Mundo era um vasto conjunto de nações já constituídas ou em vias de se constituírem, as quais reivindicavam as mesmas oportunidades de desenvolvimento material e um lugar no jogo da História. A esta época, Balandier já havia vivido a realidade africana, sentido toda sua problemática relatada em sua obra *Sociologie actuelle de l'Afrique noire*.

A produção antropológica e sociológica do autor sobre a África negra é bastante numerosa e seu conteúdo profundo<sup>6</sup>. A tônica sempre presente são os dinamismos das sociedades, a busca constante das mudanças as mais profundas, através da escolha de uma perspectiva global, tendo como pontos fundamentais dois níveis de análise: o superficial, onde se apresentam as estruturas "oficiais", o outro, em profundidade, que permite o acesso às relações as mais fundamentais e as práticas reveladoras da dinâmica do sistema social.

6 Ver no final a bibliografia referente à produção antropológica e sociológica de Georges Balandier.

A contribuição antropológica e sociológica de Balandier levou-nos a refletir sobre outras colocações teóricas feitas por Marcel Mauss<sup>7</sup> e Georges Gurvitch<sup>8</sup>. Não caberia aqui tecermos maiores considerações às colocações de Mauss e Gurvitch; deixamos essa tarefa para um estudo comparativo futuro. Contudo, convém observar que também eles, no estudo das sociedades, estavam preocupados com a compreensão global, com seus dinamismos, com a apreensão não somente do superficial, mas também das relações em profundidade. Através dessa perspectiva, os três autores nos parecem teoricamente aparentados.

Por outro modo, constatamos que os marcos de referência teórica de todas as obras de Balandier são também colocados por Georges Gurvitch, quando define sociedade global, quando trata dos dinamismos internos e externos às sociedades ou do modo de análise das mesmas através dos patamares em profundidade e superficial. Também nos consta que Georges Balandier substituiu Georges Gurvitch na Universidade de Paris por ocasião de sua morte. A influência de Gurvitch em Balandier é nitidamente paupável nas obras de Balandier e comprovada através do Prefácio da obra *Perspectives de la Sociologie Contemporaine*<sup>9</sup>, elaborada em homenagem a Georges Gurvitch, e em outra obra feita por Balandier, sobre *Gurvitch, sa vie, son oeuvre*<sup>10</sup>. Apesar disso, ressentimos nas referências bibliográficas das obras do autor as poucas menções sobre a utilização da produção intelectual de Gurvitch.

A última obra de Balandier, *Anthropo-logiques*, é um elemento dialético de separação e união entre sua produção anterior, sobre as sociedades africanas, e suas perspectivas atuais de estudo, a modernidade. É como que uma preparação para a mudança de campo de trabalho, qual seja das sociedades africanas para sua própria sociedade; é o filho que retorna à casa, após um longo estar longe.

Entenderemos melhor essa atitude ao verificarmos o que Balandier, mais recentemente, pensa acerca da sociedade e da Sociologia.

As sociedades, para Balandier, estão longe de tender à uniformidade; reivindicam sobretudo o direito à diferença. Essa constatação, segundo ele, é válida tanto para as sociedades desenvolvidas como para as em vias de desenvolvimento. As sociedades, hoje, produzem o "inédito" muito mais do que se possa crer.

7 MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris, 1960: "Fragment d'un plan de Sociologie générale descriptive". ANALES. 1935.

8 GURVITCH, Georges. *Traité de Sociologie*. Paris, P. U. F., 1958.

9 BALANDIER, Georges. et alii. *Perspectives de la Sociologie Contemporaine*. P. U. F., Paris, 1968.

10 Ibidem. GURVITCH, sa vie, son oeuvre. Paris, P. U. F. 1972. (Col. "SUP")

Hoje, como campo de pesquisa, Balandier se preocupa com o futuro das sociedades desenvolvidas. A razão disso, segundo ele, é que se tornou possível ser etnólogo em seu próprio país, isto é, nos países desenvolvidos.

O autor é da opinião que é urgente tentar compreender o que se passa hoje nas sociedades ditas desenvolvidas, a começar por aquela onde nasceu. Isto porque, as sociedades se acham numa situação inédita, uma situação que não tem precedente histórico. É, pela primeira vez na História, que todas as sociedades estão juntas, confinadas a problemas que podem se colocar em termos de vida ou de morte, em seus limites extremos. Pela primeira vez, diante de perigos graves, todas as nações devem colocar-se, ao mesmo tempo, a questão de sua sobrevivência e de seu progresso. Também, há o desafio histórico que o Terceiro Mundo lança através de suas exigências de desenvolvimento, conduzindo as nações desenvolvidas a vê-lo de outro modo e de levá-lo em conta sobre o plano político, econômico e, mesmo, sobre o plano das influências culturais e ideológicas.

Assim, segundo Balandier, pela primeira vez na História, enfim, nos encontramos em presença de fatores de mudança acumulados, que operam com tão grande rapidez, que os técnicos, os pensadores, os modos de interpretação, tornam-se muito rapidamente caducos. Pois, não dispomos de meios teóricos, de esquemas necessários para compreender e interpretar tudo o que se passa sob nossos olhos. As mutações, e esta espécie de enfermidade intelectual que nós descobrimos, fazem com que as sociedades avançadas produzam sua própria mudança de costumes.

Quanto à Sociologia, Balandier diz que a questão seria saber se é possível, num momento qualquer, ensinar a Sociologia como se ensina uma profissão. Para Balandier, existe entre os estudantes uma espécie de dúvida em relação à Sociologia enquanto disciplina que conduza à profissão de sociólogo. Mas, essa dúvida é mais do que uma simples preocupação com uma carreira. No fundo, aparece uma incerteza em relação à Sociologia exercida fora das Universidades, dos laboratórios; os jovens têm o sentimento que, nesta profissão, eles arriscam estar sendo ludibriados. Eles temem ver os resultados de suas pesquisas falseados, alterados, colocados a serviço de aparelhos que verão na Sociologia apenas um instrumento de justificativa de suas opções e não um instrumento de crítica positiva e de transformação.

Como outrora, é ainda real o risco de tomar por Sociologia o que seria apenas uma série de opções ideológicas. Passar da cientificidade indiferente para uma espécie de teologia militante não constitui nenhum progresso. Assim, a Sociologia é um encaminhamento que tende a ser científico, que, certamente, ainda não o é. A Sociologia, tal como concebe Balandier, deve procurar revelar o que é a sociedade em profundidade e no futuro,

não apenas descrever aquilo que ela tem de superficial. Ela deve ter uma função crítica e positiva. Não se pode elaborar uma verdadeira Sociologia entregando-se apenas à teoria ou à exegese. Foi a longa prática desse exercício o responsável, em grande parte, pela contestação global do modo atual de ensino da Sociologia.

Por fim, a Sociologia deve ligar-se resolutamente aos problemas do presente, pois é o presente que conduz a renovação da ciência. Uma Sociologia que fugiu de suas obrigações em relação ao presente será condenada à repetição; tornar-se-á rapidamente vazia.

Logo, concluindo, podemos dizer que “uma escolha não é jamais simples nem inteiramente livre”, mas sujeita às contingências históricas e pessoais, as quais nos conduzem a analisar e interpretar o mundo que nos rodeia a partir de nossas singularidades. Daí a importância que ressaltamos, de início, quanto ao conhecer e compreender o autor, não somente sua obra.

#### BIBLIOGRAFIA REFERENTE A GEORGES BALANDIER

##### Obras do autor

- *L' Anthropologie appliquée aux problèmes des pays sous-développés*. Paris, Cours de Droit, 1956. 376 p.
- *Sociologie actuelle de l'Afrique noire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1955 (3ª ed. revista, em 1971. 532 p.).
- *Sociologie des Brazzavilles noires*. Paris, 1955. 274 p.
- *Afrique ambiguë*. Paris, Plon, 1957. 313 p.
- *Les pays “sous-développés”: aspects et perspectives*. Paris, 1959. 286 p.
- *Les pays en voie de développement: analyse sociologique et politique*. Paris, Les Cours de Droit, 1961. 312 p.
- *La vie quotidienne au royaume de Kongo du XVI<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, Hachette, 1965. 286 p.

- *Anthropologie politique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967 (2ª ed. revista em 1969. 240 p.).
- *Sens et puissance (les dynamiques sociales)*. Presses Universitaires de France, Paris, 1971. 336 p.
- *Georges Gurvitch, sa vie, son oeuvre*. Paris, Presses Universitaires de France, 1972. 120 p. (Col. “SUP”).
- *Anthropo-logiques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1974. 280 p.

##### Obras sob a direção do autor

- *Le Tiers Monde. Sous-développement et développement*. 2ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1961.
- *Changements techniques, économiques et sociaux. Etude théorique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1959. 360 p.
- *Les implications sociales du développement économique: changements technologiques et industrialisation*. Paris, Presses Universitaires de France, 1962. 212 p.
- *Sociologie de la “construction nationale” dans les nouveaux États*. *Revue de l' Institut de Sociologie*. Bruxelles, 1967. n°s 2-3.
- *Dictionnaire des civilisations africaines*. Paris, F. Hazan, 1968. 448 p.
- *Perspectives de la Sociologie Contemporaine*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968. 468 p.
- *“Les relations de dépendance personnelle en Afrique noire.” Cahiers d' Etudes Africaines*. 1969, n° 35. (número especial)
- *Sociologie des mutations*. Paris, Anthropos, 1970. 532 p.
- *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Oeuvres de Presses Universitaires de France, nas coleções: “Sociologie d' aujourd' hui” e “SUP – Le Sociologue”.

## Artigos

- "Aspects de l'évolution sociale chez les Fang du Gabon". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1950. n° IX, p. 157.
- "Conséquences sociales du progrès technique dans les pays sous-développés". In: *Sociologie Contemporaine.* 1954-1955. vol. III, p. 138.
- "Contribution à une Sociologie de la dépendance". In: *Cah. intern. de Sociol.* n° XII, p. 151 e 176.
- "Déséquilibres socio-culturels et modernisation des pays sous-développés". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1956. n° XX, p. 250.
- "Dynamique externe des sociétés 'archaïques'". In: GURVITCH, G., (dir.). *Traité de Sociologie.* p. 37.
- Introduction à KENYATTA, J., *Au pied du mont Kenya* (Paris, 1960). p. 211.
- "Inventer des sociétés neuves". *Arguments.* 1959. n° 15, p. 127.
- "La mise en rapport des sociétés différences et le problème du sous-développement". In: *Les Tiers Monde, sous-développement et développement.* p. 142.
- "La situation coloniale. approche théorique". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1951. n° 11, p. 154.
- "La stratification sociale, analyse comparative". In: *Etudes sociologiques.* 1967-1968. p. 267.
- "Le contexte socio-culturel et le coût social du progrès". In: *Le Tiers Monde, sous-développement et développement.* p. 231
- "Les mythes politiques de colonisation et de décolonisation en Afrique". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1962, n° XXXIII, p. 202.
- "Les sociologies en question". *La quinzaine littéraire.* 1969. n° 72, p. 9.
- "L'utopie de Benoît Ogoula Iquaqua". In: *Les temps modernes.* 1952. p. 162.
- "Messianismes des Ba-Kongo". In: *Encyclopédie coloniale et maritime mensuelle.* 1951. t. I, n° 12, p. 157.
- "Motivations et stimulations économiques dans les pays insuffisamment développés". In: *Bull. intern. des sc. soc.* 1954. t. VI, n° 3, p. 242.
- "Phénomènes sociaux totaux et dynamique sociale". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1961. n° XXX, p. 205.
- "Problématique des classes sociales en Afrique noire". In: *Cah. intern. de Sociol.* 1965. n° XXXVIII, p. 267.
- "Social change and social problems in negro Africa". In: STILMAN, C. (ed). *Africa in the Modern World.* Chicago, 1955, p. 183.
- "Tradition et continuité." In: *Cah. intern. de Sociol.* 1968. n° XLIV, p. 99.